

# A nova ministra e

# o combate à inflação

IGNÁCIO M. RANGEL

17.01.89

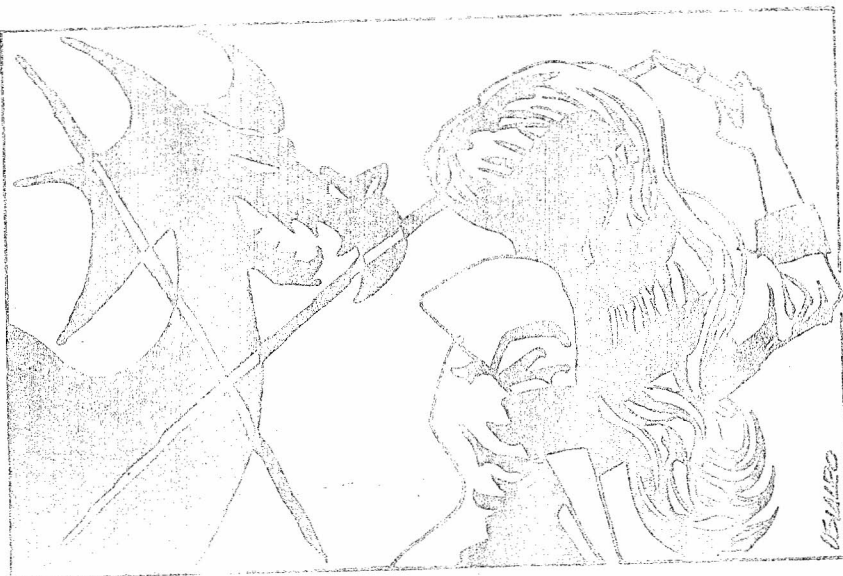
**S**im, tinha razão Henrique 4º quando, com uma frase, renunciando ao protestantismo, qualificou-se para ocupar o trono da França, ao qual tinha direito pelo sangue. E creio que os historiadores estão acordos em que foi uma decisão feliz, não só para ele, mas para a França: "Paris vale uma missa" ("Paris vaut bien une messe").

Este fato veio-me à lembrança quando, pela televisão, vi e ouvi Dorothea Werneck apresentar singelamente sua plataforma, à frente do Ministério do Trabalho. Encampanando uma visão pré-científica do problema da inflação, alinhava-se a reboque do prof. Gouvêa de Britões, e o fazia como talvez somente uma mulher o pudesse fazer. Suavemente, docemente, empreende a tarefa de persuadir os trabalhadores de que os sacrifícios que lhe serão impostos — possivelmente com os métodos provados em Volta Redonda — serão temporários. Que não é o inferno o lugar para onde serão levados, mas o purgatório, de onde, passados alguns séculos, subirão ao céu, para se deliciarem com a visão beatífica de Deus.

Não sei se ela tem consciência de que a idéia de que a liquidação da inflação passa pelo arrocho salarial nada tem de científica. Talvez ela acredite mesmo nessa fábula. E, como consolo para os trabalhadores da empresa privada, acena com a possibilidade de que eles serão acompanhados, em seu sacrifício, pelo governo. Leia-se: pelos trabalhadores do setor público.

Por ocasião da aventura, também sem esperança, como esta, do Plano Cruzado, o Brasil viu a comprovação das palavras de Karl Marx, de que quando uma idéia se apossa da consciência das massas converte-se numa força material. E todos estamos lembrados de que foi basicamente através da sensibilidade feminina que o absurdo "choque heterodoxo" se apossou, embora muito temporariamente, da imaginação das grandes massas. Aquilo foi obra das "fiscalas do Sarney", e talvez seja um pouco em homenagem a elas que agora uma mulher é elevada à chefia de um dos ministérios mais importantes da República.

Não que eu tenha objeções à ascensão — ou assunção — de mulhe-



res a cargos de comando do Estado. Primeiro, porque isto está na ordem natural das coisas, não tendo sido ocasionais os fatos de que mulheres eram guindadas à chefia do Estado, na Inglaterra, nas Filipinas e, agora, na pessoa de uma bela mulher — no Paquistão. Acresce que estes de olhos bem abertos ao que se passa em meu país e sou testemunha de que Dorothea Werneck não é a única mulher brasileira a qualificar-se para cargos de comando. Muito longe disso.

Mas sinto, também, que se a tarefa de dirigir os trabalhadores, levando-os a aceitar sacrifícios em aras de um programa duplamente absurdo como este, não se tivesse revelado tão difícil, ainda desta vez o machismo teria prevalecido, confinando a mulher aos famosos três "k" germânicos, isto é: as crianças ("Kinder"), a igreja ("Kirche") e a cozinha ("Küche").

Mais uma vez a nossa direita continua a bater-se, embora em retirada. No interesse de um objetivo retrogrado, como esse que consiste em tornar indesejável a retomada do desenvolvimento, ao fazê-lo, arbitrariamente, depender de prévia estabilização monetária, e ao tornar esta última dependente do esmorecimento dos trabalhadores, nossa excelente direita dá, num outro plano, um indubitável passo progressista, quando abre à mulher o acesso a posições de comando do Estado. Um óbvio "trade off", como

se diz em língua de gringo.

E estou seguro, também, de que, nessa barganha, ganha nos nós, isto é, o país. O caso é que o absurdo da plataforma de Dorothea à breve será posto em evidência, no passo que a abertura das posições de comando do Estado à mulher, com a incomparável agudeza do seu intelecto, essa é irreversível.

Breve teremos mulheres à frente dos ministérios e, quem sabe, da Presidência da República, conduzindo suavemente o país para o seu destino manifesto de grande potência. E encimando plataformas progressistas, cientificamente fundamentadas. Talvez a própria Dorothea, ideologias à parte, uma grande mulher.

IGNÁCIO M. RANGEL, 75, economista, é membro do Conselho Federal de Economia e foi presidente do Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro.